

PAULO JOSÉ MIRANDA

FILHAS

OFICINA
DO LIVRO

*À Marcella Cruz
e ao Pedro Paixão*

1

E se houver morte depois da morte? Se a morte não for um fim, ou uma passagem para outra vida, mas uma eternidade de morte. E se ela for um contínuo e eterno estar sempre a morrer. Ficar indefeso, sem movimento, sem respiração, e ouvir eternamente vozes de pessoas desconhecidas dizendo impropérios acerca de nós, vozes infligindo horrores à nossa consciência. E isto sempre, para sempre, continuamente para sempre, sem descanso. Imagine-se não ter sequer a possibilidade de entender o que está a acontecer, sequer a hipótese de ligar a voz de antes à voz de agora e à voz de depois. Não haver nada senão um sofrimento contínuo infligido por vozes eternas. E se houver morte depois da morte? Se a morte não for um fim, se a morte for isto, um isto de dor? O botequim fica a trezentos metros da casa, talvez um pouco mais. Pouca distância para um clima ameno, mas uma pequena tortura para este verão formidável, de grande sol no alto, iluminando e aquecendo tudo, bem para além do que Artur consegue ver. Os pensamentos talvez tenham sido espoletados pelo suor que escorre ao longo da sua testa, que humedece os seus cabelos, que lhe ofusca a visão neste verão formidável. Ouve-se o barulho do mar, sente-se nas narinas a brisa do oceano Atlântico, mas só se consegue ver o suave azul

do céu, o sol escandaloso e o caminho de terra que corta os arbustos. As bicicletas descansam à volta das árvores. Os homens à volta do balcão, de copo na mão e roupas sujas do trabalho, riem e ouvem as vozes que saem do rádio. As vozes dos jogos de futebol. É sábado. Precisamente quatro da tarde... talvez um pouco mais. Artur chega.

Rafaela ficou em casa. Acabara de se levantar e deitou-se em frente ao televisor, a pensar mais na longa noite anterior do que propriamente a ver um ou outro programa. Saiu para jantar com um amigo. Eles foram beber num bar junto ao mar, do outro lado da ilha. Depois do bar, um clube, e por fim, viram o nascer do sol na praia. Não foi uma noite tão pacífica quanto estas frases possam aparentar. De quando em quando, tinha de deixar bem claro ao amigo que não estava disposta a mais nada senão na sua companhia, em beber, conversar, rir... Não quer misturar as coisas. As coisas são a amizade, o bem-estar de uma companhia masculina, e o sexo, o desejo. Mas o problema é que uma coisa é dizer, e outra bem diferente é fazer. Ela até pode estar certa disso, pode até ter a certeza de que, nem num momento de fraqueza ou de maior desejo ou desamparo, vai aceitar a boca dele na sua, mas ele pode dizer o que quiser que não vai cumprir nenhuma das suas palavras. O desejo é maior do que ele, maior do que o que diz, e vai sempre levá-lo a tentar, aqui e ali, que Rafaela mude de palavras e de atitude. Mas Rafaela não muda nada. Rafaela sente apenas um cansaço e alguma tristeza por ter de dizer o mesmo de sempre. Evidentemente, o amigo nem sempre se comporta assim! Ainda que pense nisso, nem sempre o faz ou tenta fazer. E é também por isso que a amizade continua funcionando e que Rafaela suporta as invetivas dele, de quando em quando, por vezes até com algum humor. Mas, ao fim de uma longa noite, isto já se torna cansativo, e ela só deseja regressar a casa.

E é nisto que Rafaela pensa ao mudar de canal, deitada no sofá da sala. Porque é tão difícil ter um amigo homem? Porque é preciso ir sempre primeiro para a cama, para que depois a amizade possa funcionar? E porque é que eles não entendem depois que essa cama foi uma espécie de cartório onde se assinou um contrato de amizade futura, por ambas as partes, para que o desejo não se intrometa mais entre eles? Porque eles não entendem os diferentes modos de ir para a cama com alguém? Porque o Marcello não entende que a cama deles não foi uma cama de macho e fêmea, mas de amigo e amiga? Uma cama para não haver mais camas futuras? Porque não entende ele que ela não quer um amante nem um namorado, mas um amigo? Porque não entende ele, de uma vez por todas, que não está apaixonado por mim coisa nenhuma, que essa vontade vem apenas de não ter coragem de estar em público comigo e com todos os homens vendo que não está rolando nada entre nós? O que mais impulsiona os gestos eróticos de Marcello em direção a Rafaela é o olhar de desejo dos outros homens nela e, por vezes, alguma demora do olhar dela neles. E depois o olhar desses homens em Marcello como se se rissem dele por estar junto àquela mulher e nada fazer ou nada poder fazer. Os gestos de Marcello em relação a Rafaela, aqueles gestos que ela recusa, são uma forma canina de demarcação do terreno. O problema é que não sabemos como demarcar o terreno da amizade. Como é que um homem deixa claro aos outros homens que a mulher que está com ele é sua amiga, e que nem um nem outro querem mais do que isso? Pois é, não existe essa linguagem corporal, e na falta dela, Marcello mete os pés pelas mãos e tenta beijar Rafaela. E ela tem de desviar sua boca da boca dele e, no fim da noite, isso acumula muito cansaço. Rafaela está disposta a encontrar essa linguagem. Está disposta a descobrir como

Marcello pode estar em público com ela, deixando claro a todos os outros que eles são amigos e só amigos, o que faz deles seres superiores; superiores à animalidade do desejo que eles podem satisfazer com quaisquer outros da vida. E quando Rafaela põe uma coisa na cabeça não é fácil tirá-la de lá. Muda de canal, continua a mudar de canal, sem parar.

O Tone está de vigia nas dunas, com os binóculos, a olhar o mar entre a praia e a Ilha do Campeche, dois quilómetros em frente desta ilha-maior. Os homens aguardam a palavra “cardume”, para deixarem os copos e as garrafas, se agarrarem às redes e entrarem nos barcos. Enquanto não vem cardume, bebe-se. E fala-se e ri-se e ouve-se gritar “falta, escanteio, impedimento...” É o campeonato estadual e o primeiro encontro da época entre os clubes rivais da cidade, para gáudio dos homens e divisão deles. O verão é formidável, assa os miolos dos homens, os corpos das mulheres, infesta a praia de carros e motos e barulho. O barulho do dinheiro, o barulho comerciante. O verão é formidável. Artur está sentado numa mesa e pede uma geladinha. Observa e sorri. A cerveja e um copo chegam à mesa. Artur observa, sorri e bebe. Está sozinho, mas não se sente só. Sente-se só em casa, com a filha. Ali, no botequim, não está só. Bebe, sorri e observa. O passado está longe no tempo e no espaço. Ele não tem passado. Perdeu o passado para sempre. Artur bebe, observa e pensa. Sente uma náusea a inundar-lhe o corpo, o corpo e o resto, a inundá-lo todo. A náusea de lembrar o passado perdido. Aos poucos, ano após ano, Artur perde as recordações também. Não tem passado, tem uma filha e uma cerveja geladinha à sua frente. A filha é o seu passado, o único vínculo com o seu passado. Mas a filha não sabe do pai. A filha desconhece o mundo do pai, os subterrâneos dolorosos e doloridos que habitam nele. A filha olha para o pai como uma coisa que dá coisas, uma coisa, de

que depois de uma palavra, provém o que ela pediu. Mas a filha não sabe do pai. A vida desconhece a vida. O mistério habita a casa dos Cabral. Pai e filha sentam-se à mesa para o jantar, trocam palavras, por vezes alguns sorrisos, também acontece. Mas a filha não sabe do pai. O pai sabe da filha. O pai conhece a filha como se se conhecesse de novo no passado, como se visse seu passado diante de si, um passado no feminino. O pai sabe mais da filha do que a filha sabe dela mesma. O pai sabe muito. A filha é bonita, o pai não. O pai deve ter sido um homem bonito. A filha teme caminhar para o pai, teme vir um dia a ficar feia para sempre. Mas não pensa muito nisso, sinceramente. É um pensamento que lhe ocorre por vezes, quando se senta à mesa em frente do pai, e o silêncio acompanha os talheres. A filha tem vinte anos, o pai, cinquenta e três. Ter vinte anos é outro universo. Ter vinte anos e ter cinquenta anos são universos paralelos: caminham juntos, mas nunca se encontram. Quem aos vinte anos sabe ou vislumbra sequer o que é ter sessenta anos? E o tempo que demora a ir dos vinte anos aos sessenta é quase infinito. E ao infinito não se chega. Com vinte anos, nunca se vai ter sessenta. Mas do alto dos cinquenta e três anos, os vinte não estão muito longe. Do alto avista-se melhor. A filha perdeu a mãe cedo. Cresceu com o pai, sozinha com o pai e uma empregada. Nunca conheceu o país do pai. Nunca conheceu os avós que já não tem. Nunca conheceu o pai. Não sabe o pai que tem. Não sabe o infinito e as dores do infinito que o pai carrega. O pai sabe que não é nem uma pessoa má nem uma pessoa boa. É uma pessoa que tenta fazer bem as coisas. A filha julga-se a si mesma uma boa pessoa. Mas não é nem uma boa pessoa nem uma má pessoa. Não se esforça. A filha é uma menina. Uma menina para o pai e um tesão de mulher para os homens. Artur já pensou, muitas vezes, que gostava que ela não fosse tão bonita.

A beleza parece que atrapalha a juventude. Mas sem beleza também parece não haver juventude. Sem beleza a juventude é a consciência pesada de um crime que cometemos, exposto ao olhar de todos. Ela demora-se no banho. Os gestos no seu corpo acompanham a música que escuta no aparelho de som. Demora-se e tem gosto em se tocar. É jovem e bela. Uma menina, um tesão de mulher. O banho dela é sempre demorado. O banho tem a duração do apreço que cada um tem por si. O pai toma banho muito rápido. Mal entra, já saiu. Lava-se bem, mas rapidamente. E não se toca. As mãos não tocam seu corpo. É o sabonete que toca o corpo. É o sabonete que protege suas mãos do corpo. Protege as mãos da desforma do corpo. Já não tem vinte anos, nem trinta, nem quarenta, nem quarenta e cinco, nem cinquenta. Tem idade para proteger as mãos do corpo. Se não se tocar, não tem tanta consciência da sua obesidade. Ele sabe disso. O sabonete que usa é sempre grande. Quando começa a ficar pequeno, ele passa-o para o lavatório das mãos e põe outro novo, grande, junto ao chuveiro. A copa das árvores mexem, fazem algum barulho, agradecem o vento que sopra e arrefece um pouco a matéria exposta ao sol. O verão é formidável.

- E aí, galera, já começou o jogo?
- Tem 5 minutos...
- E quem ganha?
- 0 a 0! Ó Júlio, traz mais uma cerveja...
- Queres outro copo?
- Quero...

Artur bebe, observa, pensa. Que seria destas pessoas sem o futebol? Para Artur não há futebol. O futebol é uma coisa do passado, uma coisa que deixou em Portugal, que

deixou há mais de vinte anos, quando se mudou para cá. No início ainda acompanhava os resultados do seu clube, mas agora nem isso. Com a morte do pai, o futebol acabou-se de vez. O futebol era uma espécie de fio telefônico entre ele e o pai. Se um pai morre, com maioria de razão, também o futebol pode morrer. Nada é mais importante do que um pai. Artur pensa, observa, bebe. Cumprimenta aqueles que chegam e o cumprimentam. Das árvores às árvores, as bicicletas chegam e partem. As pessoas são pobres, mas não muito pobres. No Brasil, há muita pobreza. Artur viu essa pobreza espalhada pelas margens do Amazonas. Viu essa pobreza nas favelas do Rio, nas ruas de São Paulo. Essa pobreza no norte do país. Neste botequim, não há pobres. As pessoas têm trabalho, casa, cerveja e amigos. E aos fins de semana, futebol. E quando aparece, têm peixe que dividem entre eles. Para estes homens, pescar é como ter uma pequena horta no quintal: não dá subsistência, ajuda à subsistência. Artur não é um homem amargurado. Ele lembra-se disso todos os dias, como uma espécie de oração, como um reconhecimento por essa felicidade que não pediu, que nunca chegou a pensar o quão importante é chegar aqui, agora, e não ser amargurado. Artur sofre, sofre muito pelo infinito adentro, mas não amargura. Não sofre só pelo infinito. Sofre muito por outras coisas. A filha dói-lhe muito, por exemplo. A filha dói-lhe horrores. Sempre e de cada vez que ela sai. Sempre e de cada vez que ela não chega no tempo esperado. Sempre que tenta visualizar o futuro. A filha dói-lhe mais do que ele lhe dói. A filha é ele e ela. E ela é o único passado que lhe resta.

Rafaela fixa-se num canal. É uma série americana, de humor, e ela distrai-se com as peripécias das personagens. Ela não sabe bem quando começou a distanciar-se do pai. De repente, eles pareciam mundos diferentes, distantes.

Mas não foi sempre assim. Ele lembra-se bem do quanto ela gostava de falar com o pai, de rir com ele, de partilhar pequenas coisas como um programa estúpido no televisor, um livro que o pai lhe dera ou uma música enviada por *email*, ou até o nome de alguns bichos que apareciam no jardim da casa ou no caminho que os levava até à praia. Talvez seja a idade. Não é fácil ser mulher com vinte anos e acho que meu pai não sabe disso. Meu pai não sabe o que é ser mulher, e isso eu também não sei explicar. Ele sabe bem o que é ter vinte anos, sabe bem o que é estar perdido, confuso, mas não sabe o que é ser isso tudo e ser mulher. O mundo mudou muito para as mulheres nas últimas décadas, muito; mas aos vinte anos ainda não sabemos como podemos ser diferentes do que um pai nos ensinou e espera de nós... Larga uma gargalhada um pouco mais alta, devido ao que se passou na série.

A alegria une o pai e a filha. E tantas vezes por pequenas coisas. Uns dinheiros a mais de que não se esperava. Uma comida melhorzinha, a lembrar o passado do pai que conta sempre as mesmas estórias, tentando que a sua memória mantenha ainda a dignidade humana de pertença a uma comunidade, ao centro gravítico que gerou a sua consciência, os seus gostos, o seu comportamento. Não aquilo que ele mesmo é, mas tudo o resto, os outros noventa e nove por cento que o enformam. Ele, cada um de nós, é muito pouca coisa, quase nada. Não somos nada de nós próprios. Só alguns conseguem ser alguma coisa mais. O quase-nada que o pai é não é pouco. Mas a filha não sabe disso. A filha não quer sequer saber disso. A filha não quer saber do pai. A filha quer saber de si. Ela não é nem má pessoa nem sequer uma pessoa egoísta. Ela é apenas jovem e bonita. A juventude atrapalha a visão dela. A juventude dela não a deixa ver o pai. Não é ela que não quer saber do

pai, é a juventude dela que não a deixa querer saber do pai. O pai gosta de beber. É uma forma de preservar o passado. Cresci a ver os homens beber. Na minha terra, as crianças e os doentes é que bebem refrigerantes. A filha cresceu a ouvir isto. A filha também gosta de beber. Mas ela não tem passado. A filha só tem futuro, e bebe por não saber o que fazer com esse futuro. O futuro é o que dói mais à filha. Dói-lhe mais do que as dores menstruais de que tanto sofre. O futuro dói-lhe muito. Beber acalma-lhe a dor.

- Pênalti!! É pênalti!
- Contra quem?
- Contra eles, pênalti contra eles!
- Já começam a roubar!...
- Calado!...

Rafaela sabe que o pai é intransigente. O pai é intransigente e recusa aprender qualquer coisa que não seja o que quer aprender. Ele pode, se quiser, em poucos meses, aprender tudo ou quase tudo acerca da vida dos pássaros ou dos peixes, ou da história de um país distante, ou a tocar um instrumento musical, mas é incapaz de aprender o que lhe dizem ou o que lhe pedem. Não adianta falar com o pai. Não se fala com ele, aprende-se. Rafaela deixa o sofá e sobe até à cobertura; fuma um cigarro a olhar o horizonte desenhado pelas montanhas com nuvens, aqui e ali, dependuradas. Apetece-lhe ir à praia, mas está com muita preguiça para se arranjar. Olha para dentro de casa e vê o prato onde o pai comeu a sua sanduíche antes de sair, e isso irrita-a. Irrita-lhe imenso essa displicência do pai em relação à cozinha.

O pai aprendeu imenso, ainda aprende, e não tem ninguém com quem partilhar isso, ninguém que se interesse pelo que ele sabe. Rafaela pensa nisso e condói-se do pai.

Mas o prato sobre a mesa irrita-a de novo e ela rapidamente esquece-se dos pensamentos compassivos pelo pai. Desce as escadas que a conduzem até à sala, e deita-se de novo no sofá em frente ao televisor.

Artur pensou em pedir mais uma cerveja, mas vai ter de esperar. Aqui, o mundo está em suspenso. Ninguém diz nada. Na outra sala, todos pararam de jogar sinuca e correram para cá. Um silêncio maior do que os homens. Deve ter sido assim, naquela primavera de 1945. As pessoas todas em suspenso à volta do rádio, para saberem se a guerra tinha terminado ou ia continuar.

- Ele vai falhar!...
- GOL! GOOOOOOOOOOOOOOOL! GOL! GOL!
- Fudeu...
- Hoje vamos dar um chocolate em vocês!
- Quanto tempo de jogo?
- 12 minutos...

Artur pede a cerveja, partilhando um sorriso amarelo com o Júlio, que também ficou triste com o golo. O verão é formidável. O Tone continua de vigia, olhando o mar, esperando cardume. Chega o Joel, fazendo uma pausa no seu trabalho e aproveitando para saber do jogo e para beber *uminha* gelada. Joel é um homem triste e educado. É da idade de Artur e traído pelo passado. Um passado que parecia ditar um futuro completamente diferente, um futuro longe deste presente aqui e agora. Mas o tempo desvia-se sempre de tudo o que parece e vai caminhando implacável pelo que é. Joel é um homem de podia-ter-sido. Ele é amável, educado, gentil, corajoso; mas isso tudo não lhe chega. O passado traído submerge tudo o resto. Depois de umas trocas de palavras e sorrisos, pega na cerveja e no copo e vem sentar-

se com Artur. Queixa-se do calor, do trabalho; queixa-se da vida antes de passar a vivê-la ali com o amigo. Artur diz que o verão é formidável. Joel concorda, mas responde que está muito calor. Mas o verão é formidável precisamente pela contrariedade que impõe aos homens. Uma contrariedade repleta de sedução. Um mal que se deseja. Assar o corpo e os miolos, e ainda sorrir. O verão aliena, é formidável.

O pai sofre por não ter conseguido ensinar a humildade à filha. A filha nunca pede desculpa, nunca, a filha é filhinha do pai. E o pai sofre. Onde é que eu errei? Onde? Erra-se sempre com os filhos, o pai sabe disso. O problema é aquilo que não se conseguiu ensinar, que não se conseguiu passar para eles. Falta de humildade é falta de ternura. O pai sabe disso perfeitamente, sabe que a ternura é a qualidade do que é terno, do maleável. A filha não. Quando a filha chorou pela primeira vez, por já não gostar do namorado, Artur lembrou-se do tempo em que sentiu essa dor estranha. A dor de quem não quer que as coisas mudem. Porque têm de mudar os sentimentos e as pessoas, porque não podemos permanecer nas palavras que dissemos. Porque a alegria tem de se transformar em tristeza, em dor, em palavras de avesso do que já foi dito? Chegou a prometer a Deus que, se voltasse a sentir dentro de si o mesmo amor que já tinha sentido, nunca mais ia... nunca mais qualquer coisa... O desespero de quem começa a entender o que é ser humano, e que nada, mas mesmo nada, nos pode fazer andar para trás, no tempo e nos sentimentos. Ser humano é não ter inversão de marcha. Ser humano é ser para a frente, sempre para a frente. E para a frente é para o fim, para a dor, para a decrepitude. A filha não entendia bem isso, não com estas palavras do pai, mas suspeitava, sentia um frio enorme a percorrer-lhe o ser; algo dentro de si mais forte que o seu próprio corpo jovem e belo. O seu corpo repleto de poder

sobre os humanos. Nesse dia, a filha intuiu a sua natureza humana, a sua condição humana. Pedir a Deus que a faça voltar a gostar do namorado é pedir a Deus que não lhe reserve o mesmo destino que reserva aos humanos. A filha não queria deixar a infância, ainda que julgasse já ter de lá saído há muito tempo. Ela tornou-se mulher, e o pai sabe disso, muito antes de se tornar humana. Mulher aos quinze anos de idade, e humana, só no ano passado. O medo da vida. Medo da vida porque ela é o futuro e este não se sabe o que é. O futuro muda tudo. A filha descobriu esse medo no ano passado. Foi quando passou a beber um pouco mais do que suas amigas, a beber um pouco mais do que o desejo de beber ou a sede de bebida. Passou a beber para atrasar a vida. Quando um humano quer ser bom e descobre o medo que a vida encerra no seu interior, é muito raro não querer atrasar ou mesmo boicotar a vida. Querer o bem, e não o conseguir fazer, dói muito. A filha, com seu corpo belo e jovem, estava destinada a fazer sofrer mais do que todo o bem que pudesse desejar. Ela não sabia disso e sofria. É impressionante como se pode desconhecer a sua própria natureza, como se passa pela vida sem se ter consciência dela e da nossa situação nela! E quantas vezes só bem mais tarde, já sem qualquer utilidade para o próprio, nós passamos a entender a vida que tivemos!